

# Prestígio e poder: estratégias matrimoniais na Florença do *Quattrocento*

*Maria Verónica Perez Fallabrino*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Campinas - São Paulo - Brasil

laveronica@uol.com.br

---

**Resumo:** O presente artigo<sup>1</sup> tem como objetivo estudar as estratégias matrimoniais da alta sociedade florentina do *Quattrocento* (século XV) considerando-as como elemento fundamental na construção de vínculos sociais, políticos e econômicos que buscavam reforçar o prestígio e o poder das famílias na vida pública. Nessa perspectiva, analisaremos tratados humanistas, cartas e diários pessoais da época (chamados *Ricordi*), para nos aproximar não só dos valores da alta sociedade florentina, mas dos casos subjetivos e suas próprias particularidades.

**Palavras-chave:** Matrimônio. Poder. Sociedade mercantil. Florença. *Quattrocento*.

---

## Introdução

“Procura contrair parentesco com bons cidadãos”<sup>2</sup>, escrevia Giovanni di Pagolo Morelli (1718, p. 255) a seus filhos no início do século XV. Havendo ficado órfão de pai quando era criança, esse florentino de uma rica e tradicional família de mercadores resolveu dedicar parte de seu livro de *Ricordi* ao aconselhamento preventivo de seus descendentes. Assim, em caso de não se encontrar presente chegado o momento deles se casarem, deixou-lhes a seguinte recomendação: “faz com que o teu parente seja mercador, seja rico, seja antigo em Florença, seja Guelfo, esteja no estado, seja amado por todos, seja afetuoso e bom em cada ato”<sup>3</sup> (MORELLI, 1718, p. 272).

As palavras de Morelli manifestam explicitamente o grande interesse que havia por trás dos casamentos da alta sociedade da época: a vinculação social. Muito mais do que uma união entre duas pessoas, o casamento era uma aliança entre duas famílias – note que

---

<sup>1</sup> O presente artigo é resultado da pesquisa de Mestrado em História Social cursado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), patrocinada pelo CNPq.

<sup>2</sup> “Guarda d’imparentarti con buoni cittadini”.

<sup>3</sup> “fa che 'l parente tuo sia mercatante, sia ricco, sia antico a Firenze, sia guelfo, sia nello istato, sia amato da tutti, sia amorevole e buono in ogni atto”.

Morelli utiliza a expressão *contrair parentesco (imparentarti)* e não o termo *casar* –, estrategicamente planejada e avaliada para servir aos propósitos do grupo familiar. Essa realidade não era única do ambiente florentino. Nas outras repúblicas e principados da península itálica, a união matrimonial entre os membros da alta sociedade também era pensada na forma de aliança e decidida por estratégias familiares. O historiador Anthony D’Elia (2004) menciona que nas orações pronunciadas nas celebrações matrimoniais das grandes figuras italianas do século XV, o casamento era frequentemente louvado pela sua característica de promover poder e influência política entre as famílias dos noivos.

Em linhas gerais, a posição que uma família ocupava na sociedade relacionava-se ao prestígio e à riqueza da própria linhagem, mas também, às redes de *parentado*<sup>4</sup> que se integravam, isto é, aos vínculos criados com parentes adquiridos a partir do casamento. De acordo com Lauro Martines (2011, p. 18), os quatro elementos que definiam a posição social dos indivíduos na sociedade eram: “riqueza honoravelmente adquirida, um registro substancial de serviço público, descender de uma antiga família florentina, e laços de casamento com outra família de importância política e econômica”<sup>5</sup>. As palavras de Martines fundamentam-se no pensamento humanista. O próprio Leon Batista Alberti (1972, p. 132) afirmava aos seus contemporâneos que, na escolha da esposa, “se procura beleza, *parentado* e riqueza”<sup>6</sup>.

### A relevância do dote nas estratégias de matrimônio

No complexo mercado matrimonial florentino, o dote era um elemento indispensável das tratativas e acordos de casamento. Representava a quantia em dinheiro que os pais da noiva ofereciam ao futuro esposo por ocasião do matrimônio e o seu montante dava o teor das pretensões matrimoniais da família da moça, sendo utilizado como um fio condutor das negociações entre as famílias. Sem dote não havia possibilidade de casamento para as moças e essa realidade era comum a todos os estratos da sociedade; tanto as famílias mais humildes quanto as mais abastadas deviam pagar esse valor em dinheiro para casar as

---

<sup>4</sup> Vale ressaltar que *família* e *parentado* eram terminologias diferentes. Como explicara Charles de la Roncière (In. Duby, 2004), enquanto a primeira designava a todos os descendentes de um mesmo ancestral em linha masculina, a segunda indicava as alianças de parentes tecidas através dos matrimônios, parentescos suplementares organizados ao longo do tempo em torno das mães, esposas e noras. Muitas vezes, no *parentado* incluíam-se também outras formas de afinidades próximas, como eram a amizade e a vizinhança, laços igualmente recíprocos e muito estreitos.

<sup>5</sup> “honorably-acquired wealth, a substantial record of service in public office, descent from an old Florentine family, and bonds of marriage with another family of some political and economic consequence”.

<sup>6</sup> “si cerchi bellezza, parentado e ricchezza”.

filhas – cada uma atendendo às suas possibilidades e aspirações. O dote era estipulado antes da celebração do casamento e utilizado como instrumento de negociação no início das tratativas do acordo matrimonial.

Assim, o dote conferido às noivas refletia a hierarquia das linhagens envolvidas nas tratativas matrimoniais. Como explica Anthony Molho (1994), os pais dotavam as filhas não de acordo com o seu desejo, mas de acordo com noções bem entendidas e profundamente internalizadas do tipo de dote que deviam lhe conceder conforme a sua posição social. Nesse sentido, Molho (1994, p. 17) afirma que o dote exercia uma importante função simbólica dentro da sociedade, sendo, em um sentido semiótico, uma espécie de “barômetro do status das famílias”<sup>7</sup>. Ele deixava em evidência o quanto se podia pagar para casar as filhas e o quanto chegava a se aceitar pelo casamento de um filho. De uma moça de família prestigiosa esperava-se um dote substancial, que lhe garantisse um par à altura da sua hierarquia familiar. Quando não era possível reunir um dote considerável, o que às vezes ocorria em famílias com muitas filhas ou que tivessem atravessado reveses econômicos, valores como a tradição política e a antiguidade do nome familiar podiam ser compensatórios. Porém, nesses casos, os casamentos eram arranjados, geralmente, com famílias de menor prestígio social. Portanto, podemos dizer que o dote dava as pautas da natureza da futura união, sendo um fator determinante das possibilidades de bons casamentos para as moças e para as famílias.

### **Escolhendo *parentado*: a arte florentina de construir alianças matrimoniais**

De acordo com os valores culturais da alta sociedade, o casamento em nada se relacionava com as emoções e sentimentos dos contraentes, mas com os benefícios coletivos que poderia trazer às famílias. Em termos gerais, casar significava amalgamar os laços de parentesco entre as duas casas envolvidas, alargando o grupo de pessoas aliadas e estreitando as relações de poder<sup>8</sup>. Muito mais do que um vínculo entre duas pessoas, o matrimônio constituía um vínculo entre duas linhagens. Assim, não era o envolvimento afetivo prévio o que levava os noivos ao casamento, mas as decisões familiares, cuidadosamente planejadas e fundamentadas em interesses que diziam respeito aos valores sociais, políticos e econômicos do grupo.

---

<sup>7</sup> “barometers of families’ status”.

<sup>8</sup> O termo *casa* é comumente utilizado como sinônimo de família ou linhagem. Esta denominação corresponde à representação simbólica que identifica os laços genealógicos de um grupo de pessoas.

Desse modo, podemos dizer que os grandes nomes florentinos buscavam se vincular uns aos outros por meio dos matrimônios, procurando não só reforçar a própria hierarquia, mas instituir com os novos parentes vínculos de poder e reciprocidade<sup>9</sup>. Os laços de *parentado* se apresentavam como uma forma das famílias multiplicarem as relações dentro da comunidade, abrindo “um campo todo novo e pleno de promessas às relações, às confidências, aos apoios, às afeições”; os parentes de casamento eram pensados como solidariedades privadas que completavam a família (RONCIÈRE, 2004, p. 169).

Assim sendo, as escolhas matrimoniais eram momentos de reflexão e de longas conversas dentro do grupo familiar. As decisões eram tomadas objetivamente, selecionando-se os candidatos que melhor correspondiam com o nível social da família – para não criar desequilíbrios com a hierarquia ou os recursos econômicos do grupo. Buscava-se ter, como escrevia o mercador de seda Marco Parenti (1996, p. 196-197), “se não todas, pelo menos alguma parte digna, ou *parentado* ou tradição política ou dinheiro ou beleza”<sup>10</sup>. Em termos estratégicos, o matrimônio devia combinar da maneira mais prestigiosa possível o próprio poder de aquisição com as possibilidades de casamento existentes no mercado matrimonial.

Em linhas gerais, podemos dizer que o grau de tradição social, política e econômica de uma família determinava as possibilidades de casamento que ela poderia brindar a seus membros. Esses elementos constituíam o que podemos denominar como poder aquisitivo matrimonial, isto é, um valor que brindava a cada família as chances de se vincular por relações de *parentado* com famílias de similar influência, honorabilidade, riqueza e poder, famílias que viessem a enobrecer o lugar que se tinha dentro da comunidade e a abrir novos caminhos e oportunidades no mundo político e econômico da cidade.

Nessa procura, o ideal era a união com famílias de tradição, isto é, famílias com um nome antigo na história da cidade, com participação na vida política, com uma riqueza adquirida a partir de atividades honoráveis e com parentes afins de qualidade (MARTINES, 2011). O nome familiar associado ao passado florentino conferia respeito e hierarquia aos membros da família e a todo aquele que se lhe vinculasse por parentesco; razão pela qual o humanista Francesco Barbaro (1548, p. 11) aconselhava: “tomar a mulher de linhagem e casa honorável”<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> A respeito das relações de parentado ver: KLAPISCH-ZUBER, 1985, p. 68-93; FABBRI, 1991; DE LA RONCIÈRE, 2004.

<sup>10</sup> “se none tutte, almeno qualche parte degna, o parentado o stato o denari o beleza”.

<sup>11</sup> “pigliare la moglie di stirpe et di casa honorata”.

Mas, nem todas as famílias da alta sociedade podiam se dizer possuidoras de uma grande tradição, já que o movimentado cenário econômico da Florença do *Tre-Quattrocento* havia colocado novas riquezas em cena. A tradição significava antiguidade e estabilidade, ter o nome familiar associado à economia e à política da cidade por um longo período de tempo, e as novas riquezas apenas começavam a trilhar esse caminho. Nesse sentido, o núcleo mais privilegiado da sociedade florentina não era um grupo homogêneo formado unicamente por famílias ricas, antigas e com poder político. Como nos explica Lauro Martines (2006), na alta sociedade havia também famílias ricas com pouca tradição e famílias de grande tradição com pouco patrimônio, muitas das quais haviam sido prejudicadas pela grande crise que afetou a banca florentina em meados do *Trecento* (século XIV) e as deixou economicamente desfavorecidas frente ao resto da sociedade. Assim, é possível dizer que a alta sociedade florentina da época era, em si, estratificada, constituída por famílias com diferentes níveis de riqueza, antiguidade e prestígio político.

Em um cenário assim conformado, a antiguidade do nome familiar jogava um papel determinante na construção das alianças matrimoniais. Até poderíamos afirmar que era um dos elementos mais considerados, pois a antiguidade implicava não só o prestígio acumulado com os anos, mas a existência de várias gerações de contatos sociais e conexões políticas. Desse modo, a possibilidade de unir os filhos com pessoas de ascendência antiga na história de Florença era uma alternativa muito apreciada no mundo mercantil. E, especialmente, uma oportunidade muito interessante para as novas riquezas surgidas na cidade, pois as famílias tradicionais com dificuldade de garantir bons dotes às filhas muitas vezes davam em troca a distinção da sua antiguidade àqueles que não faziam questão de um bom pagamento em dinheiro.

Particularmente, essa foi uma das estratégias mais ponderadas, pois os novos nomes que passaram a integrar a alta hierarquia florentina buscaram se unir com a tradição das famílias em decadência econômica. Nesse sentido, Martines (2006) afirma que as novas riquezas de Florença contraíam massivamente matrimônio com as velhas linhagens que haviam perdido o seu espaço dentro da sociedade. A união de Cosimo de Medici e Contessina de' Bardi, em 1414, se encaixa nesses parâmetros. A jovem descendia da distinta casa de banqueiros dos Bardi, uma família comprometida economicamente, mas com uma tradição histórica que remontava ao século XII e ao antigo condado de Vernio<sup>12</sup>. Para uma

---

<sup>12</sup> Contessina era filha de Alessandro di Sozzo Bardi, conde de Vernio. Por parte materna, a jovem também possuía ascendência nobre, era neta de Raniero di Guido Pannochieschi, conde de Elci. Ao longo do século XIV, os Bardi foram uma das famílias de banqueiros mais bem-sucedidas do território italiano. Eram banqueiros do rei de Inglaterra, do Papa e da própria cidade de Florença, mas os muitos empréstimos outorgados que nunca foram pagos levaram o banco dos Bardi à falência em 1345. Mais informações em: TOMAS, 2003.

genealogia jovem como era a dos Medici no início do *Quattrocento*, o casamento representou uma forma de trazer o prestígio histórico dos Bardi ao seu já estabelecido poder político e econômico.

Em condições similares foi celebrado também o casamento de Caterina Strozzi com Marco Parenti. Os Parenti eram ricos mercadores vinculados à manufatura da seda, mas relativamente novos entre a alta sociedade florentina; em contrapartida, os Strozzi tinham um importante passado político e econômico na história da cidade, porém, truncado pelo exílio da família em 1434, que comprometeu, em parte, a sua riqueza e patrimônio<sup>13</sup>.

O casamento entre os jovens foi acordado em 1447 e, logo após o acordo, dona Alessandra Strozzi (1877, p. 3), mãe de Caterina, enviou uma carta ao filho Filippo, mostrando-se feliz pela aliança celebrada e ressaltando as virtudes do futuro genro: “é jovem de bem e virtuoso, filho único e rico”, dizia<sup>14</sup>. Porém, em seu relato torna-se evidente que a união havia sido resultado das limitações econômicas da família, que condicionaram as possibilidades de uma escolha mais prestigiosa. Suas palavras sugerem que, conforme as circunstâncias, o jovem Marco foi, simplesmente, a melhor possibilidade de casamento que puderam arranjar para Caterina:

[...] esse partido escolhemos como o melhor [...] procuramos colocá-la em maior posição política e nobreza, mas com mil quatrocentos ou (mil) quinhentos florins; o que era a minha ruína e a de vocês. [...] E eu, considerando todo, resolvi colocar bem a menina e não olhar para tantas coisas (STROZZI, 1877, p. 4-5, *grifòs nossos*)<sup>15</sup>.

Uma opção mais conveniente para os Strozzi demandava um dinheiro que eles não tinham. Em vista da impossibilidade econômica de uma união com maior hierarquia, dona Alessandra optou por “colocar bem” a sua filha, com um homem de bem e filho de uma rica família, cedendo assim a condição social do seu nome.

Já desde a perspectiva dos Parenti, a união com Caterina Strozzi significou uma oportunidade de vinculação com uma família de prestígio e com o seu círculo de relações, o qual, apesar da mácula do exílio, era formado por grandes nomes da vida pública florentina. A felicidade que a união trouxe à família Parenti (1996, p. 3) se expressa nas palavras do jovem Marco ao seu futuro cunhado Filippo Strozzi: “caberm-me-ia escrever muito se

<sup>13</sup> Os homens da família Strozzi haviam sido banidos de Florença em 1434, como inimigos do regime de Cosimo de Medici. Os Strozzi estavam entre as famílias que apoiaram a conspiração contra Cosimo e que derivou no exílio que o afastou da cidade em 1433. Com o seu retorno a Florença, em 1434, os conspiradores e seus descendentes masculinos foram expulsos da cidade e condenados a viver no exílio. Ver: CRABB, 2003.

<sup>14</sup> “è giovane da bene e vertudioso, ed è solo, e ricco”.

<sup>15</sup> “questo partito abbiàn preso pello meglio”; “èssi trovato da metterla in maggiore istato e più gentilezza, ma con mille quattrocento o cinquecento fiorini; ch’era il disfacimento mio e vostro. [...] Ed io, considerato tutto, diliberai acconciar bene la fanciulla, e non guardare a tante cose”.

quisesse dizer o quanto, imensamente me agrada, de cada uma das partes, todo o vosso *parentado*<sup>16</sup>.

A importância de formar parentesco com famílias antigas foi apontada por Morelli (1718, p. 272) em seus conselhos matrimoniais: “faz com que o teu parente [...] seja antigo em Florença”, ele pedia, pois, pertencer a uma família de longa tradição e tinha um grande significado dentro da sociedade. A antiguidade conferia qualidade às famílias, elevava a posição social e concedia uma notoriedade particular dentro da sociedade. Por esse motivo os florentinos gostavam de traçar as suas origens e preocupavam-se com saber do seu passado, por conhecer a forma como a família havia estabelecido suas bases na cidade, adquirido a sua riqueza e participado dos assuntos do governo.

Ainda, aquelas famílias que tinham origens feudais – como o mencionado caso dos Bardi – eram muito bem consideradas, pois apesar das grandes transformações econômicas que tiveram lugar no cenário florentino, continuavam sendo a grande ambição daqueles indivíduos que queriam associar seu nome à honra de um antigo e honorável passado. Marco Parenti (1996, p. 94), ao recomendar ao seu cunhado Filippo Strozzi um casamento com a moça dos Tanagli, argumentava: “são antigos e de bem, e descendem de cavaleiros”<sup>17</sup>.

Contudo, embora estratégias matrimoniais como a dos Medici e dos Parenti ajudassem a melhorar a hierarquia de algumas famílias, entre a alta sociedade respeitava-se a endogamia de grupo. Logicamente, tratando-se de um grupo estratificado, com diversos níveis de poder econômico, político e social, existia a possibilidade de que as famílias tradicionais em decadência se casassem com famílias de novos ricos. Mas fora essas pequenas formas de mobilidade social a alta sociedade casava-se entre si, resguardando a condição social à qual se pertencia, isto é, aquela que vinculava as famílias com as *Arti Maggiori* da cidade<sup>18</sup>. O ideal para os florentinos era o matrimônio entre iguais. Anthony Molho (1994, p. 237) afirmava que os florentinos, especialmente aqueles que possuíam propriedades, tinham “um forte sentido da homogamia. Os padrões culturais da época determinavam que eles casassem dentro do seu próprio estrato, procurando preservar o equilíbrio social da cidade”<sup>19</sup>.

<sup>16</sup> “Acchadrebbe mi asai che scrivere, se volessi dire quanto sommamente mi piace da ogni parte tutto vostro parentado”.

<sup>17</sup> “sono antichi e da bene e pure questo lato disceso di cavalieri”.

<sup>18</sup> No topo da estrutura social da Florença do *Quattrocento* estavam as denominadas guildas maiores (*arti maggiori*), das quais faziam parte os membros da alta sociedade, mercadores, banqueiros e homens de letras; na sequência vinham as chamadas guildas menores (*arti minori*), constituídas por comerciantes de pequeno e mediano porte, trabalhadores e artesãos vários; e havia também atividades não amparadas pelas guildas, como eram aquelas vinculadas ao trabalho manual da lã e da seda. Ver: HIBBERT, 2003.

<sup>19</sup> “had a strong sense of homogamy. The cultural standards of the time dictated that they marry into their very own social stratum, seeking to preserve the city’s social equilibria”.

Nesse sentido, as palavras de Alberti (1972, p. 135) eram muito explícitas; ele indicava buscar parentes da mesma posição social: “sejam, portanto, não desiguais a ti”, advertia<sup>20</sup>. E ainda esclarecia:

Procura ter esses novos parentes de sangue não vulgar, de riqueza não pequena, de comportamento não vil, e nas outras coisas modestos e comportados [...] nem muito superiores a ti [...] nem mesmo quero que esses parentes sejam inferiores a ti, pois, se isso te traz despesas, aquilo outro te impõe servidão<sup>21</sup>.

Precauções similares eram advertidas também por Morelli (1718, p. 255); na escolha de uma esposa, ele aconselhava: “toma cuidado, primeiramente, em não te rebaixar, preferivelmente esforça-te por te elevar”<sup>22</sup>.

Casar “honrosamente” significava casar dentro do próprio grupo de pertença, sem trazer um desequilíbrio social ou material à família. De acordo com o pensamento da época, casar com pessoas de condição inferior afetava a honra de toda a casa. Giovanni Morelli (1718, p. 241) recusou-se a mencionar em seus *Ricordi*, junto à relação de todos os seus parentes, o nome da escrava com a qual seu tio havia-se casado, o que expressa muito bem a vergonha que provocava fugir dos parâmetros matrimoniais da alta sociedade:

Teve muitos (filhos) ilegítimos, parte de uma mulher de bem e parte de uma escrava sua, que era muito bela, e com a qual ele depois se casou em Mugello, não gostaria de nomeá-la porque não é honesto à assim feita linhagem (a dos Morelli), como se ela fosse de muito bom estado, conforme eles eram (*grifos nossos*)<sup>23</sup>.

O sentimento de Morelli com relação à esposa do tio é similar ao que experimentava dona Alessandra Strozzi (1877, p. 471) a respeito da jovem que casou com o seu sobrinho, uma moça de “cérebro ligeiro”, que trouxe “vergonha a si própria e a ele”<sup>24</sup>. Ambos falam em vergonha e em desonestidade, pois cruzar a linha das convenções sociais era muito mal visto pela sociedade, trazia desonra para as famílias e representava uma mácula no prestígio do nome e da história familiar.

Além da tradição, ligar-se a pessoas vinculadas politicamente às repartições do governo era uma exigência quase fundamental, pois o prestígio social dos florentinos estava estreitamente relacionado ao desempenho político dos homens da família. Quando Morelli

<sup>20</sup> “siano adunque non inequali a te”.

<sup>21</sup> “Procurisi avere queste cosí nuovi parenti di sangue non vulgari, di fortuna non infimi, di esercizio non vili, e nelle altre cose modesti e regolati [...] non tropro superiori a te [...] né anche voglio questi medesimi parenti essere inferiori a te, imperoché se questo t'arecò spesa, quello t'impone servitú”.

<sup>22</sup> “abbi riguardo primamente di non ti avviliire, ma piuttosto t'ingegna d'innalzarti”.

<sup>23</sup> “ebbene molti non ligittimi, parte d'una donna assai da bene, e parte d'una ischiava era sua, assai bella, e di poi la maritò in Mugello: non gli vo' nominare, perché non è onesto si fatta ischiatta, come ch'e' sieno di buona condizione assai, secondo loro essere”.

<sup>24</sup> “cervello leggiero”; “vergonha a sê e a lui”.

(1718, p. 272 e 255) escreveu a seus filhos como formar um bom *parentado*, ele determinou: “faz com que o teu parente [...] esteja no estado”; “sejam honrados pela Comuna”<sup>25</sup>.

“Avere stato” ou *ter estado*, como se referiam os florentinos à participação na administração política da cidade, constituía uma virtude muito significativa entre aquelas consideradas na definição das alianças matrimoniais. Já mencionamos que os indivíduos que participavam da vida política contribuía para aumentar a reputação e a hierarquia da sua família. Portanto, famílias com um longo percurso nas repartições da *Signoria* ou dos *Collegi* de Florença eram as preferidas frente a outras com menor tradição política.

Parentes bem vinculados politicamente, atuantes e presentes na vida pública, enalteciam a hierarquia e a posição social das famílias, pois, como explica Melissa Merian Bullard (1979), na Florença da época, a hierarquia social e o poder político estavam inextricavelmente unidos. Giovanni Rucellai (1960, p. 121), um dos homens mais ricos e prestigiosos do cenário florentino, deixou um eloquente testemunho do valor social que os bons aliados políticos traziam à vida dos florentinos:

Estou bem relacionado (*imparentato*), à par de qualquer outro da nossa cidade, e depois que me tornei parente de Piero de Cosimo de Medici, e de Lorenzo e Giuliano, seus filhos, fiquei honrado, estimado e considerado, e tenho usufruído da felicidade e prosperidade deles, e desfruto junto com eles, do que tenho recebido grandíssimo contentamento (*grifòs nossos*)<sup>26</sup>.

Mas não eram somente os laços com parentes como os Medici os que eram exaltados. Todas as formas de serviço público, embora menos proeminentes, conferiam honra e hierarquia às famílias e, portanto, eram muito valorizadas na construção das alianças matrimoniais. Dona Alessandra Strozzi (1877, p. 3-4) escrevia sobre a família de seu futuro genro Marco Parenti: “eles têm um pouco de estado e faz pouco tempo seu pai foi do *Collegio*”<sup>27</sup>. Anos mais tarde, em 1465, ela exaltaria as mesmas qualidades no pai da moça Tanagli, uma das opções de casamento do filho Filippo: “Francesco é um jovem muito estimado e está no estado, não possui cargos maiores, mas está nos ofícios” (STROZZI, 1877, p. 395)<sup>28</sup>. Marco Parenti (1996, p. 94) também lembrava ao seu cunhado Filippo os atributos de Francesco Tanagli: “tem um pouco de estado; ele tem muitos parentes, todos de prestígio”<sup>29</sup>.

<sup>25</sup> “fa che 'l parente tuo [...] sia nello istato”, “sieno onorati dal Comune”.

<sup>26</sup> “Sono bene imparentato al pari di qualunch' altro della nostra città, e ppoi ch'io fui parente di Piero di Chosimo de' Medici e di Lorenzo e Giuliano, suoi figliuoli, sono stato onorato, stimato e righuardato, e lla loro felicità e prosperità me l'ò ghoduta e ghodo insieme cho loro, di che ò preso grandissimo chontentamento”.

<sup>27</sup> “hanno un poco di stato, ch'è poco tempo che 'l padre fu di Collegio”. Com relação ao pai de Marco Parenti, ele teria desempenhado um cargo nas repartições de uma das duas magistraturas que constituíam o Collegio da Signoria de Florença: os “doze bons homens” (dodici buon'uomini) e os “dezesesseis gonfalonieri” (sedici gonfalonieri).

<sup>28</sup> “Francesco è pure estimado giovane, ed è nello Stato; ma non è della sorta maggiore. Pure è negli uffici”.

<sup>29</sup> “à un pocho di stato; à assai parenti tutti buoni”.

Vincular-se por parentesco a pessoas que tinham cargos no governo, além de dignificar a posição social de uma família, representava uma forma de segurança e grandes possibilidades de benefícios. Era uma garantia de contatos capazes de brindar apoio e proteção política, recomendações para cargos em repartições públicas, diminuição de penas ou impostos e tantos outros tipos de favores e serviços.

Outro aspecto que não devemos ignorar em relação à implicação política dos matrimônios diz respeito a que os casamentos podiam ser atos políticos, utilizados intencionalmente para reforçar o poder e o lugar que se ocupava no governo da cidade (FABBRI, 1991). Isso ocorria, fundamentalmente, entre os estratos mais elevados da alta sociedade. O casamento de Lorenzo de Medici e Clarice Orsini é um desses casos. A intenção dos Medici ao casar Lorenzo com a jovem Clarice foi a de buscar aliados fora de Florença, fortalecendo as relações com Roma e com o Papado, já que os Orsini gozavam de uma grande reputação naquela cidade e tinham fortes laços com a Cúria. Segundo Lauro Martines (2006), a posição dos Medici em Florença exigia um apoio externo em caso de alguma ameaça política ao governo, e nada melhor do que uma aliança vinculada ao mundo dos grandes magnates militares e eclesiásticos.

Igualmente, Bullard (1979, p. 669) aponta que, algumas vezes, as figuras no poder “intervinham para impedir duas famílias de se unirem através do matrimônio se a suposta união parecia ameaçar a estabilidade do governo”<sup>30</sup>. De acordo com essa autora, após o fracasso da conspiração dos Pazzi, em 1478, Lorenzo de Medici impediu que as filhas dessa família se casassem de acordo com a sua posição social<sup>31</sup>. Havendo afastado de Florença o perigo dos homens Pazzi, punindo-os de acordo com o seu grau de participação na conjuração – com a morte, o cárcere ou o exílio –, as mulheres que permaneceram na cidade foram privadas de seu patrimônio e de contrair matrimônio com famílias de poder e hierarquia. Desse modo, buscava-se prevenir possíveis futuros atentados ao poder dos Medici no governo florentino. A mesma punição teria recaído nas jovens da família Albizzi algumas décadas antes, após a conspiração dessa família contra Cosimo de Medici, em 1434 (KIRSCHNER; MOLHO, 1978).

De igual modo, os interesses políticos do governo florentino também intervieram para forjar alianças convenientes à manutenção e fortalecimento do poder, utilizando alguns

---

<sup>30</sup> “intervened to prevent two families from uniting through marriage if the proposed union seemed to threaten the stability of the government”.

<sup>31</sup> A denominada conspiração dos Pazzi foi planejada pela família Pazzi e outros aliados para assassinar os irmãos Lorenzo e Giuliano de’ Medici e tomar o poder de Florença. O ataque aos irmãos ocorreu no dia 26 de abril de 1478 na catedral de Florença, acabando com a morte de Giuliano de’ Medici. Lorenzo de’ Medici, mesmo estando ferido, conseguiu se refugiar na sacristia da igreja e salvar a sua vida. Ver: MARTINES, 2006.

matrimônios com finalidades especificamente públicas. Nesse sentido, Francesco Guicciardini em sua *Historia de Florencia* (1990), no século XVI, deixou-nos um testemunho muito representativo. De acordo com ele, a desconfiança após a conspiração dos Pazzi havia levado Lorenzo de Medici a cuidar que muitos homens poderosos da cidade não formassem parentesco entre eles:

E procurava formar pares de modo que não lhe fizessem sombra, algumas vezes, obrigando os jovens da alta sociedade, para evitar combinações indesejadas, a casar com mulheres com as quais eles não houvessem querido fazê-lo, em poucas palavras, as coisas haviam chegado ao ponto que não se formava parentesco de nível superior ao mediano sem a sua intervenção ou aprovação (GUICCIARDINI, 1990, p. 123).

Mesmo que esses exemplos não fossem a maioria, não devemos ignorar a intencionalidade puramente política que havia por trás de alguns dos matrimônios celebrados na Florença do *Quattrocento*. Além disso, também é importante considerar que, por se tratar de uma sociedade em que os assuntos de família e os assuntos políticos estavam tão estreitamente relacionados, ocasionalmente as alianças matrimoniais podiam se reverter em uma grande decepção. Especialmente, no caso dos florentinos que haviam criado parentescos prestigiosos com famílias que, mais tarde, por reveses políticos, acabavam sendo exiliadas da cidade e prejudicavam o nome de todos aqueles que conformavam seu grupo de parentes e aliados.

Assim aconteceu com casos conhecidos como o de Giovanni Rucellai, casado com a filha de Palla Strozzi, e Giovanni Morelli, vinculado por casamento aos Alberti, ambas as famílias exiladas de Florença por motivos políticos. Máculas desse tipo não significavam o fim das possibilidades familiares, mas expunham as pessoas frente à comunidade, afetavam as oportunidades de acesso aos cargos públicos e enfraqueciam as redes sociais por longos períodos de tempo.

Em linhas gerais, podemos dizer que todos os matrimônios da alta sociedade florentina, em maior ou menor grau, tinham um interesse ou consequência política, já que as famílias desse grupo eram ativas participantes das repartições do governo ou, pelo menos, estavam vinculadas a pessoas ou parentes que desempenhavam algum tipo de função pública.

Outro elemento relevante em uma sociedade regida pelos valores do mundo mercantil era a riqueza e condição econômica dos futuros parentes. A importância de aliar a própria família com pessoas de uma boa posição econômica está explícita em vários documentos pessoais da época. Assim como Morelli, que sugeria claramente que os parentes fossem mercadores e ricos, também Alessandra Strozzi (1877) ressaltava a riqueza e as

atividades econômicas de seu genro Marco Parenti, um homem rico e vinculado à manufatura da seda<sup>32</sup>. Do mesmo modo que eles, Lucrezia Tornabuoni (1993, p. 63), ao comentar com seu marido Piero de Medici sobre a família da futura esposa de seu filho Lorenzo, os Orsini, escrevia: “possuem ½ de Monte Ritondo, a outra metade é do tio deles”<sup>33</sup>.

Na realidade, o que se olhava não era tanto o patrimônio em si, mas a potencialidade econômica e a forma como a riqueza havia sido adquirida. Marco Parenti (1996, p. 240), chegado o momento de avaliar possibilidades de casamento para sua filha Marietta, em 1473, pedia ao cunhado Filippo Strozzi que lhe fizesse algumas averiguações a respeito de uma das famílias consideradas: “gostaria que te informasses [...] qual é a condição deles, que cérebro, que virtude e como fizeram a riqueza e coisas similares, como se exige”<sup>34</sup>.

A expressão “como se exige”, no dizer de Parenti, aparece no sentido de algo que tem de ser feito dentro dos conformes, conforme esperado, e mostra quão habitual era entre os florentinos o recolhimento de informações a respeito dos futuros parentes. Nesse sentido, querer saber sobre a condição econômica do *parentado* ia além de saber se eles eram ricos ou se tinham um patrimônio considerável. Buscava-se, fundamentalmente, comprovar a efetiva solidez da riqueza e a forma como ela era gerida, ou seja, com que “cérebro”, como queria saber Parenti.

Conhecer a potencialidade da riqueza dos futuros parentes e a capacidade que eles tinham de administrá-la e fazê-la produzir era importante em vista do vínculo que se iria gerar entre as duas famílias. Como explica Lorenzo Fabbri (1991, p. 84), esse vínculo era pensado também no campo econômico:

[...] uma relação que fosse capaz de ativar colaborações rentáveis para ambas as partes, de natureza comercial ou financeira, ou mesmo de garantir apoio em caso de necessidade temporária. Procurava-se também se proteger de vínculos que pudessem se tornar prejudiciais, fugindo de quem não tivesse bases financeiras seguras e de quem parecesse incapaz ou muito informal na administração dos próprios bens<sup>35</sup>.

Vale dizer que essa última estratégia nem sempre era bem-sucedida, já que com o passar do tempo podia ocorrer que aqueles parentes que no início se apresentavam como

<sup>32</sup> Carta enviada ao filho Filippo em 24 de agosto de 1447.

<sup>33</sup> “anno la ½ di Monte Ritondo, l'altra metade è di loro zio”.

<sup>34</sup> “vorrei che tti informassi [...] che condizione sia la loro, che cervello, che virtù e chome àno fatto della roba e símile cose, come si richiede”.

<sup>35</sup> “un rapporto che fosse in grado di attivare collaborazioni proficue per ambedue le parti, di natura commerciale o finanziaria, oppure di garantire um sostegno in caso di temporanee necessità. Si cercava altresì di cautelarsi da vincoli che potessero rivelarsi dannosi, rifuggendo da chi non avesse basi finanziarie sicure e da chi apparisse incapace o troppo disinvolto nell'amministrazione dei propri beni”.

opções convenientes acabassem se tornando um peso na economia de toda a família. Um desses casos foi o de Giovanni Bonsi, o outro genro de Alessandra Strozzi (1877), um jovem considerado um bom candidato no momento do acordo matrimonial, por ter a sua própria companhia de negócios; porém, quinze anos após o casamento com a sua filha Alessandra, Giovanni encontrava-se em grandes dificuldades financeiras, precisando de empréstimos de vários membros da família, o que preocupava bastante a dona Alessandra, por considerá-lo, nessa ocasião, pouco hábil para lidar com o dinheiro<sup>36</sup>. Casos assim não eram algo habitual, mas buscava-se evitá-los na medida do possível. Por essa razão os florentinos esforçavam-se por recolher as mais diversas informações a respeito da riqueza dos futuros parentes, comprovar a sua solidez, a sua potencialidade e, principalmente, a forma como ela era administrada.

Nesse indagar, a forma como o *parentado* “havia feito” a sua riqueza também era de grande importância. Saber se o patrimônio da família era produto de atividades nobres e bem-conceituadas socialmente era muito considerado pelos florentinos, conforme se pode perceber na forma como Giovanni Rucellai (1960, p. 54), casado com a filha de Palla Strozzi, dá valor ao patrimônio do seu sogro: “era riquíssimo [...] e de riqueza bem adquirida”<sup>37</sup>.

Essa noção de uma riqueza bem conquistada, produto de atividades honoráveis, estava muito presente no pensamento da alta sociedade, pois como explica Martines (2011), a simples riqueza, por si só, não era um indicativo de posição social. De acordo com a percepção da alta sociedade, o patrimônio familiar devia ser fruto do trabalho digno, adquirido a partir de ocupações respeitáveis e bem consideradas hierarquicamente, quer dizer, adquirido a partir de atividades vinculadas com as grandes corporações de ofício da cidade.

Conjuntamente à noção de uma riqueza bem adquirida, estava a honra que socialmente se concedia à atividade mercantil em grande escala. Diferentemente dos séculos anteriores, o comércio e as atividades bancárias gozavam de uma grande consideração e prestígio dentro da sociedade (FABBRI, 1991). Na opinião de Leon Battista Alberti (1972, p. 178), o prestígio do mundo mercantil estava em “fazer grandes negócios, levar coisas úteis para a pátria, manter a honra e fama da família”<sup>38</sup>. As atividades vinculadas ao grande comércio compreendiam cinco das sete corporações de ofício mais importantes da cidade, razão pela qual a conformação da alta sociedade era constituída em grande parte por famílias de mercadores e banqueiros.

---

<sup>36</sup> Carta enviada ao filho Filippo em 25 de janeiro de 1466.

<sup>37</sup> “era ricchissimo [...] e di ricchezza bene acquistata”.

<sup>38</sup> “fare grande imprese, condurre cose utilissime alla patria, serbare l’ onore e fama della famiglia”.

No entanto, a inclinação por famílias dedicadas à atividade mercantil não era determinante nas estratégias matrimoniais. Os homens de letras, geralmente vinculados pelo seu saber a altos cargos políticos e nem sempre donos de uma grande riqueza, também representavam uma opção matrimonial de prestígio. Assim é o caso do humanista Poggio Bracciolini, que se casou com uma das filhas da tradicional família de mercadores Buondelmonti, e de Carlo Marsuppini, que desposou Caterina de' Corsini, filha de uma reconhecida família de banqueiros<sup>39</sup>. A importância hierárquica do ofício público na sociedade fez da corporação de ofício dos juizes e notários (*Arte dei giudici e notai*), à qual muitos humanistas pertenciam, a mais respeitável da cidade (MARTINES, 2011); por essa razão, unir as filhas com homens de tal posição política era também uma alternativa muito considerada pelas famílias.

Ainda, além de considerar elementos como a riqueza, a hierarquia política e a antiguidade familiar, a alta sociedade florentina preocupava-se em estabelecer parentesco com pessoas de boas qualidades morais e comportamento virtuoso. A forma como os futuros parentes viviam e se comportavam dizia muito a respeito deles e a respeito de como poderia ser a futura relação entre as duas famílias. Além disso, as ações e atitudes dos indivíduos também conferiam respeito e dignidade na vida social, sendo um elemento a mais de distinção familiar, pois segundo Alberti (1972, p. 51), os bons costumes traziam “ornamento e honra para a casa, para a pátria e para si próprio”<sup>40</sup>.

Mas, o que eram os bons costumes e o comportamento virtuoso que se devia buscar no *parentado*? Podemos dizer que eram ações associadas à noção humanista de *virtú*, uma ideia muito louvada na época e que dizia respeito a uma forma de viver honorável, de acordo com princípios que afastavam o indivíduo de condutas imorais e ações indignas. De acordo com o humanista Matteo Palmieri (1982, p. 52), a *virtú* significava agir segundo quatro valores muito apreciados entre os florentinos: “prudência, força, temperança e justiça”<sup>41</sup>. Para Alberti (1972), *virtú* era um valor individual, um exercício cotidiano de boas obras que podiam atuar sempre com excelência, prudência, bom juízo e honestidade.

Algumas décadas mais tarde que Alberti e Palmieri, a noção de *virtú* foi contemplada também por Nicolau Maquiavel (2004). No entanto, enquanto em Maquiavel a ideia de *virtú* dizia respeito à astúcia política e à habilidade necessárias ao príncipe para a aquisição e manutenção do seu poder, em Alberti e Palmieri ela relacionava-se à concepção de honra

---

<sup>39</sup> Lauro Martines (2011) em sua obra *The social world of the florentine humanists: 1390-1460* traz uma detalhada relação dos casamentos celebrados entre os grandes humanistas florentinos e as filhas das famílias mais ricas e tradicionais de Florença.

<sup>40</sup> “ornamento e pregio alla casa e alla patria sua e a sé stesso”

<sup>41</sup> “prudencia, forteza, temperantia et giustitia”.

do indivíduo, exaltando comportamentos éticos que promoviam o bem e a ordem na sociedade; Alberti (1972, p. 51) afirmava: “estimam-se melhores para a pátria, se eu não estiver enganado, os cidadãos virtuosos e honestos, do que os muito ricos e poderosos”<sup>42</sup>.

Assim, os bons costumes e o comportamento virtuoso eram qualidades que, aos olhos dos florentinos, tornavam os homens respeitáveis e dignos perante a sociedade. Portanto, se a nível social esses valores eram tão importantes, é natural que as famílias florentinas também os procurassem naqueles indivíduos que se tornariam seu círculo próximo de parentesco. Se considerarmos que as famílias viam o casamento como uma parceria de benefícios recíprocos, através da qual se reforçavam vínculos de amizade, solidariedade e proteção, é compreensível que colocassem grande cuidado na seleção das pessoas às quais ligariam o seu futuro. De tal modo, assim como a riqueza, a antiguidade e o serviço público, a conduta e a reputação moral dos futuros parentes pesavam igualmente nas decisões de casamento.

Nesse sentido, novamente Alberti (1972, p. 134) dizia: “Acredito que no *parentado* primeiramente se deve examinar a vida e modos de todos os novos unidos. Muitos matrimônios foram [...] razão de grande ruína à família, pois fizeram parentesco com homens litigiosos, competitivos, soberbos e malévolos”<sup>43</sup>. Assim como ele, Morelli (1718, p. 255) também ressaltava:

Procura contrair parentesco com bons cidadãos, os quais não sejam necessitados, e sejam mercadores e não sejam arrogantes. Sejam antigos na tua cidade, sejam honrados pela Comuna, [...] e não possuam mácula alguma, como de traidores ou ladrões, ou homicidas, ou de descendência bastarda, ou de outra coisa que seja de reprovação ou vergonha. Sejam puros e sem mácula, e tenham nome de bons parentes e afetuosos, e não sejam cães do dinheiro, mas que usem temperadamente a cortesia, como a usam os homens sábios e bons cidadãos<sup>44</sup>.

De acordo com o que se aconselhava, devia-se olhar com cautela para os “modos de ser” dos futuros parentes. Tanto Alberti quanto Morelli salientavam de forma fria e objetiva a importância de fugir de parentes soberbos ou litigiosos, ou de parentes com alguma mácula em seu comportamento. Buscavam-se parentes honestos, afetuosos e bem vistos dentro da comunidade, pessoas com cortesia, que eles associavam à noção de “bons cidadãos”. Interessava muito que os futuros parentes fossem indivíduos íntegros e virtuosos. Essas características eram tão ressaltadas quanto o eram aquelas que falavam do

<sup>42</sup> “stimasi meglio essere alla patria, s’i’ non erro, e’ cittadini virtudiosi e onesti che i ricchi molto e possenti”.

<sup>43</sup> “Credo io nel parentado in prima si vuole bene esaminare la vita e modi di tutti é nuovi coniuncti. Molti matrimonii sono stati [...] cagione di grande ruine alla famiglia, poiché sono imparentatosi con uomini litigiosi, gareggiosi, superbi e malvoluti”.

<sup>44</sup> “guarda d’imparentarti con buoni cittadini, i quai non sieno bisognosi e sieno mercatanti e non usino maggiorie. Sieno antichi nella città tua, sieno onorati dal Comune, [...] e non abbino alcuna macula, come di traditore o di ladro o di micidio o di bastardo discesi, o d’altri cose che sono di rimprovero e di vergogna. Sieno netti e senza macula, e abbino nomea di buoni parenti e amorevoli; e che non sieno cani del danaio ma usino cortesia temperatamente, come s’usa pe’ savi uomini e buoni cittadini”.

prestígio social ou político das famílias, pois, assim como elas, denotavam honra e concediam respeitabilidade às pessoas.

Descrevendo a seus futuros genros, Alessandra Strozzi (1877, p. 3 e 115) usava expressões como: “é jovem de bem e virtuoso” ou “tem tantas boas qualidades”<sup>45</sup>, palavras que demonstram o apreço que ela tinha pela conduta e comportamento dos jovens. Também, referindo-se ao possível futuro sogro de seu filho Filippo, Francesco Tanagli, ela destacava que era “bem estimado” dentro da comunidade (STROZZI, 1877, p. 395)<sup>46</sup>. Assim como dona Alessandra, Marco Parenti (1996, p. 94) também notava os atributos de Tanagli, não só a sua ascendência e *parentado*, mas também as suas qualidades individuais. Em 27 de julho de 1465, ele escrevia a Filippo Strozzi:

Os Adimari são mais nobres do que os Tanagli; mas não têm *parentado* nenhum: nem pai, nem irmãos; muitos tios e primos, mas são vulgares, e todo seu *parentado* homens do mesmo tipo [...]. A outra (a Tanagli) é o contrário: se não são de grande família, no entanto são antigos e de bem, e descendem de cavaleiros. O pai da moça é da minha idade, um homem de valor, cortês, eloquente, conversador; muito elegante, tem um pouco de estado, tem muitos parentes, todos de prestígio (*grifòs nossos*)<sup>47</sup>.

A noção de homens “de bem”, que tanto é exaltada por Parenti como por dona Alessandra Strozzi, refere-se às boas qualidades valorizadas na época, ao comportamento íntegro, aos valores morais e ao bom trato com as pessoas. Exaltava-se que os indivíduos não só viessem somar o seu prestígio e riqueza à família com a qual se uniam, mas que fossem donos de um comportamento honorável e adequado, conforme pediam as normas da vida social. Deviam se evitar as famílias com passados duvidosos e os indivíduos com má fama, como sugeria Alberti, ou os que tinham alguma mácula moral, que em algum momento pudesse vir a sujar àqueles que faziam parte de seu círculo de parentesco, como ressaltara Morelli. Os parentes de casamento, além de ter uma determinada hierarquia social, política e/ou econômica, precisavam ser apreciados dentro da vizinhança e considerados pelo seu caráter e comportamento.

Outro elemento que também é apontado na relação apresentada por Parenti dos Adimari e dos Tanagli é a importância que se concedia à composição familiar do futuro *parentado*. Os Tanagli não eram tão nobres quanto os Adimari, mas em compensação tornavam-se mais interessantes a um futuro casamento por causa dos muitos parentes de

<sup>45</sup> “ch’è giovane da bene e vertudioso”; “ha tante buone parti in sè”.

<sup>46</sup> “pure stimato”.

<sup>47</sup> “Gl’ Adimari sono più nobili ch’e Tanagli; ma non v’è parentado niuno, non padre, non frategli, assai zii e cugini, ma sono omacci, e tutto loro parentado uomini di sorta [...]. Quest’altra è il contradio: se non sono di gran famiglia, nondimeno sono antichi e da bene e pure questo lato disceso di cavalieri. Il padre della fanciulla è di mia età, uno dassai huomo, costumato, eloquente, conversativo; e à optima grazia, à un poco di stato, à assai parenti, tutti buoni.”

prestígio que eles tinham. Diferentemente dos Adimari, que contavam apenas com tios e primos, os Tanagli tinham um importante círculo de parentesco formado a partir dos casamentos dos irmãos, o que tornava muito mais acessível a sua utilidade na vida social. A importância dessas relações na definição dos matrimônios se percebe no cuidado de Parenti (1996, p. 94) ao descrever ao seu cunhado Filippo o *parentado* de Francesco Tanagli:

A irmã é casada com Antonio do senhor Allexandro Allexandri. A mulher é dos Guidetti, homens muitos bons, a irmã da mulher é casada com o senhor Antonio Ridolfi, e ele tem muitos outros *parentadi* honoráveis e bons. O irmão tem por mulher a filha de Francesco di Pagolo Vettori, etc.<sup>48</sup>.

Nesse sentido, Lorenzo Fabbri (1991, p. 100) explica que, “a atenção se concentrava, principalmente, sobre o núcleo familiar e sobre a qualidade de seus componentes. Em geral, era bem considerada uma família rica em elementos masculinos, porque permitia esperar um relacionamento frutífero de ajuda recíproca”<sup>49</sup>. Famílias conformadas por muitos homens, seja por parentesco de sangue ou parentesco de casamento, significavam maiores conexões políticas e econômicas, por isso observava-se em detalhe o potencial masculino do futuro *parentado*. Uma descrição similar à de Parenti, ressaltando a qualidade dos componentes familiares, foi realizada por Lucrezia Tornabuoni (1993, p. 63) a Piero de Medici, quando conheceu a família de Clarice Orsini em Roma: “a menina é filha por pai do senhor Iacopo Horsini de Monte Ritondo e por mãe da irmã do cardeal; tem dois irmãos, um é militar e está com o senhor Orso em boa estima, o outro é padre, subdiácono do Papa”<sup>50</sup>.

Ainda, além de se olhar para o círculo de parentes próximos, procurava-se o matrimônio com pessoas de uma boa projeção dentro da comunidade. Valorizava-se não somente um *parentado* com uma ampla rede de parentes, mas também com uma ampla rede de amigos e vizinhos, pois, como menciona Charles de La Roncière (2004), na Florença do *Quattrocento*, essas solidariedades privadas completavam por vezes as da família ou lhes faziam concorrência, consolidando o círculo de sangue ou de aliança. Dado que as relações sociais dos futuros parentes representavam uma utilidade concreta para as famílias em termos de apoio, favores e benefícios, quanto maiores eram as conexões com parentes,

<sup>48</sup> “à assai parenti, tutti buoni”; “a sirocchia è maritata a Antonio di messer Allexandro Allexandri. La moglie è de’ Guidetti, huomini molto da bene, la sirocchia della moglie maritata a messer Antonio Ridolfi, e molti altri parentadi à onorevoli e buoni. Il fratello à per moglie la figliuola di Francesco di Pagolo Vettori, etc.”.

<sup>49</sup> “L’attenzione si concentrava principalmente sul núcleo familiare, e sulla qualità dei suoi componenti. In genere era vista com favore una famiglia ricca di elementi maschili, perché lasciava sperare in un proficuo rapporto di aiuti reciproci”.

<sup>50</sup> “La fanciulla è figliuola per padre del signor Iacopo Horsini da Monte Ritondo e per madre dela sorella del cardinale; à duo fratelli, l’uno fa fatti d’arme ed è col signor Orso in buona istima, l’altro è prete sodiàcano del Papa”.

amigos e vizinhos, maiores eram as possibilidades de poder usufruir desse vínculo. Desse modo, famílias com um bom número de conexões familiares e dentro da vizinhança eram preferidas àquelas cujos membros possuíam poucas relações na comunidade.

Outro ponto relevante nas estratégias de escolha dos futuros parentes é que, salvo algumas exceções, eles eram escolhidos entre as famílias da própria cidade, às vezes até dentro da própria vizinhança. Um dos poucos casos a fugir dessa prática foi o casamento de Lorenzo de Medici com Clarice Orsini que, como já vimos, provinha de uma tradicional família romana. Outro caso nos é mencionado por Alessandra Strozzi (1877, p. 552); em uma de suas cartas ao filho comentava ter ouvido que a filha de seu parente Giovanfrancesco Strozzi “será dada em Mântua ao filho do senhor Benedetto Strozzi”<sup>51</sup> – membro de outro ramo da família. Porém, não obstante algumas exceções, os florentinos buscavam reforçar o próprio poder e hierarquia com vínculos de parentesco na própria comunidade.

Era na vizinhança que Morelli (1718, p. 272) aconselhava aos filhos a arranjarem seus casamentos: “primeiramente, procura na tua vizinhança (*gonfalone*), e se aqui puderes fazer o parentesco, fá-lo antes do que em outro lugar; se não puderes ou não há aquilo que necessitas ou te satisfaz, procura no distrito (*quartiere*)”<sup>52</sup>. A exigência por criar vínculos de *parentado* na vizinhança era ditada principalmente por preocupações políticas, já que era dentro de cada *gonfalone* que se escolhiam os cidadãos elegíveis aos cargos públicos (ECKSTEIN, 2006). Assim, para as famílias, as alianças matrimoniais dentro da vizinhança representavam uma forma de garantir, através do apoio político dos novos parentes e seus aliados, maiores possibilidades de acesso às repartições mais importantes do governo florentino.

Contudo, a sugestão de Morelli não era uma regra seguida por todos. Alguns florentinos utilizaram a estratégia de tecer redes de *parentado* nos quatro cantos da cidade, buscando expandir seu poder a outros domínios e assim reforçar a hierarquia familiar fora do próprio distrito de residência. Klapisch-Zuber (1985), em seu estudo sobre os Niccolini, mostra como essa família consolidou seu poder em Florença a partir de matrimônios

---

<sup>51</sup> “si darà a Mantova al figliuolo di messer Benedetto Strozzi”.

<sup>52</sup> “primamente cerca nel tuo gonfalone, e se ivi puoi imparentarti, fallo più avaccio che altrove; se non puoi o non v'è quello ti bisogna o ti sodisfaccia, cerca nel quartiere”.

*Gonfalone* e *quartiere* são termos muito presentes nos documentos da época e referem à divisão espacial do cenário urbano florentino. Por volta de 1340, Florença foi dividida em quatro *quartieri* (distritos), os quais foram nomeados de acordo com as principais igrejas às quais se vinculavam: Santa Maria Novella, Santa Croce, San Giovanni e Santo Spirito. Cada um dos *quartiere* tinha seu caráter particular, distinguindo-se pela mistura de palácios, casas, oficinas, lojas, capelas e fundações monásticas – franciscanas, dominicanas ou carmelitas. Por outra parte, eles encontravam-se divididos em células administrativas menores, os *gonfaloni* (vizinhança), a modo de quatro *gonfaloni* por *quartiere*, totalizando dezesseis. Mais informações em: TREXLER, 1991.

celebrados nos quatro *quartieri* da cidade<sup>53</sup>. Muito similar foi o caso da família Rinuccini, que ao longo das gerações buscou arranjar casamentos com grandes famílias florentinas, sem se ater à questão geográfica da própria vizinhança ou distrito (MOLHO, 1994).

Essa estratégia de reforçar o poder dentro da própria cidade foi escolhida também por Cosimo de Medici e acabou sendo muito exaltada por Nicolau Maquiavel em sua *História de Florença* (1998), escrita alguns anos após a morte de Cosimo. Elogiando a visão política com que Cosimo soube se tornar senhor de Florença, Maquiavel (1998, p. 335) ressaltou a tática de forjar os casamentos familiares com grandes nomes florentinos ao invés de fazê-lo com nobres de outras cidades:

Assim, tendo que dar mulher a seus filhos não buscou o parentesco de príncipes, e com Giovanni casou Cornelia degli Alessandria e com Piero Lucrezia de' Tornabuoni; e das netas que lhe deu Piero, casou Bianca com Guglielmo de' Pazzi e Nannina com Bernardo Rucellai.

Seja entre vizinhos do *gonfalone*, seja estendendo os vínculos de parentesco aos outros *quartieri* de Florença, a grande maioria dos matrimônios florentinos costumavam acontecer dentro dos muros da cidade. A preferência por parentes próximos geograficamente devia-se à função que deles se esperava, pois era em meio ao ambiente social, econômico e político da comunidade, nas atividades do dia-a-dia e no contato com as pessoas da vizinhança, das corporações de ofício, das repartições do governo e das companhias de negócios, que os parentes podiam assumir toda a sua utilidade, desempenhando suas funções de apoio, prestígio e solidariedade e oferecendo os seus “conselhos, favores e ajuda”, como bem observara Matteo Palmieri (1982, p. 161)<sup>54</sup>.

## Considerações finais

Como base nas fontes analisadas, podemos estabelecer que, na Florença *quattrocentista*, o matrimônio representava um meio de preservação do prestígio e do poder da alta sociedade. A escolha matrimonial era guiada por estratégias que visavam à manutenção do lugar social a partir da política estabelecida de casamentos. Através dos vínculos de *parentado* criados, as famílias de mercadores e banqueiros não somente definiam sua própria hierarquia, relacionando-se com pessoas de sua mesma posição social e

---

<sup>53</sup> KLAPISCH-ZUBER, “Kin, friends, and neighbors”: the urban territory of a Merchant Family in 1400. In: \_\_\_\_\_. *Women, Family, and Ritual in Renaissance Italy*, 1985, p. 68-93.

<sup>54</sup> “consigli, favori et aiuti”.

determinando a superioridade de sua condição perante os outros, elas também criavam um espaço novo de relações, que ampliavam suas possibilidades de acesso a empreendimentos comerciais, cargos políticos e respaldo financeiro.

Assim também, vinculavam-se a aliados capazes de lhes brindar ajuda e proteção, tanto em questões da vida quotidiana quanto em demandas ou petições relacionadas aos assuntos públicos. Os parentes constituíam o que Paul McLean (2007) denomina “capital social”, relações confiáveis e cooperativas capazes de prover suporte material, emocional e oportunidades. De acordo com McLean (2007, p. 11), a importância dessas redes sociais estava em que os indivíduos “não somente eram ligados aos outros; eles eram ‘conhecidos’ pelos outros”<sup>55</sup>, duas formas de reconhecimento muito estimadas em uma sociedade em que as conexões pessoais importavam muito e os indivíduos eram conscientes das consequências que as prestigiosas vinculações sociais podiam trazer para si.

---

#### PRESTIGE AND POWER: MARRIAGE STRATEGIES IN QUATTROCENTO'S FLORENCE

**Abstract:** The present article has as an aim to study the marriage strategies of the Florentine's high society of the *Quattrocento*, considering them as a fundamental element in constructing social, political, and economic bonds that seek to strength the status and power of the families in the public life. In this perspective, we will analyze humanist treatises, letters, and personal diaries (known as *Ricordi*), in order to approximate ourselves not only to the values of the Florentine high society, but also to the subjective cases and their own particularities.

**Keywords:** Marriage. Power. Mercantile society. Florence. *Quattrocento*

---

#### Referências

##### Fontes

ALBERTI, Leon Battista. *I libri della Famiglia*. Torino: Einaudi, 1972.

BARBARO, Francesco. *Prudentissimi et gravi documenti circa la elettion della moglie*. (trad. Alberto Lollo). Veneza: Appresso Gabriel Giolito de Ferrari, 1548.

GUICCIARDINI, Francesco. *Historia de Florencia: 1378-1509*. México, DF: Fondo de cultura económica, 1990.

MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença*. São Paulo: Musa, 1998.

---

<sup>55</sup> “are not only linked to other; they are ‘known by’ others”.

\_\_\_\_\_. *O Príncipe*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MORELLI, Giovanni. Cronica. In: MALESPINA, Ricordano. *Istoria Fiorentina*. Coll'aggiunta di Giachetto Malespina e la cronica di Giovanni Morelli. Florença: S.A.R., 1718.

PALMIERI, Matteo. *Vita Civile*. Florença: Sansoni, 1982.

PARENTI, Marco. *Lettere*. (Ed. Maria Marrese). Florença: Olschki, 1996.

RUCELLAI, Giovanni. *Giovanni Rucellai ed il suo Zibaldone: "il Zibaldone quaresimale"*. Londres: Warburg Institute, 1960.

STROZZI, Alessandra Macinghi. *Lettere di una gentildonna fiorentina del secolo XV ai figliuoli esuli*. (Ed. C. Guasti). Florença: Sansoni, 1877.

TORNABUONI, Lucrezia. *Lettere*. Florença: Olschki, 1993.

## Bibliografia

BULLARD, Melissa Merian. Marriage politics and the Family in Florence: the Strozzi-Medici alliance of 1508. In: *The American Historical review*, vol. 84, n. 3, Jun. 1979, p. 668-687.

CRABB, Ann. *The Strozzi of Florence: widowhood & family solidarity in the Renaissance*. Michigan: University of Michigan Press, 2003.

D'ELIA, Anthony F. *The renaissance of marriage in fifteenth-century Italy*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2004.

ECKSTEIN, Nicholas. Neighborhood as microcosm. In: CRUM, Roger J.; PAOLETTI, John T. *Renaissance Florence: a social history*. New York: Cambridge University Press, 2006, p. 219-239.

FABBRI, Lorenzo. *Alleanza Matrimoniale e Patriziato nella Firenze del '400: studio sulla famiglia Strozzi*. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 1991.

HIBBERT, Christopher. *The house of Medici: its Rise and fall*. New York: Harper Perennial, 2003.

KIRSHNER, Julius; MOLHO, Anthony. The dowry fund and the marriage market in early Quattrocento Florence. *Journal of Modern History*, 50, Setembro 1978, p. 403-438.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane. *Women, family, and ritual in Renaissance Italy*. Chicago: University of Chicago Press, 1985.

MARTINES, Lauro. *Sangre de abril: Florencia y la conspiración contra los Médicis*. México: Fondo de cultura económica Turner, 2006.

\_\_\_\_\_. *The social world of the Florentine Humanists: 1390-1460*. Toronto: University of Toronto Press, 2011.

McLEAN, Paul D. *The Art of the Network: strategic interaction and patronage in Renaissance Florence*. Durham: Duke University Press, 2007.

MOLHO, Anthony. *Marriage Alliance in Late Medieval Florence*. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

RONCIÈRE, Charles de la. A vida privada dos notáveis toscanos no limiar da Renascença. In: DUBY, Georges (org.). *História da Vida privada*, 2: da Europa feudal à Renascença. São Paulo: Cia. das Letras, 2004, p. 163-309.

TOMAS, Natalie R. *The Medici women: gender and power in Renaissance Florence*. Burlington: Ashgate, 2003.

TREXLER, Richard C. *Public Life in Renaissance Florence*. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

---

#### SOBRE A AUTORA

**Maria Verónica Perez Fallabrino** é doutoranda em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); bolsista CAPES.

---

Recebido em 03/05/2016

Aceito em 27/05/2016